

## POSITIVISMO, "POSITIVISMO" E OBJETIVIDADE CIENTÍFICA\*

Alberto CUPANI

Deptº de Filosofia – UFSC

Existe uma tendência crescente em nossos meios acadêmicos a denominar "positivista" a convicção de que a Ciência constitua um esforço de conhecimento cujos resultados devam ser válidos para todos os que possuírem a devida formação específica (matemática, sociológica, etc.), independentemente de peculiaridades individuais ou grupais dos seres humanos. A **objetividade** científica residiria nessa validade "universal" das afirmações científicas, uma validade alcançada pela conjunção de fatores tais como o proceder metódico, a constante crítica e autocrítica dos cientistas, a atitude imparcial ante os assuntos estudados, a prescindência de interesses outros que a busca da verdade, a utilização de linguagens unívocas e enunciativas (não expressivas ou imperativas), e a atenção preferencial aos aspectos quantitativos dos fenômenos pesquisados. Os resultados seriam objetivos porque intersubjetivamente válidos, e nessa medida indicariam que a tentativa de conhecimento foi bem sucedida, ou seja, seriam "objetivos" em sentido etimológico: corresponderiam aos objetos reais em si mesmos.<sup>1</sup>

Naturalmente que a denominação "Positivismo" para essa concepção da Ciência tem sua razão de ser, porque ela muito deve aos esforços do Positivismo e do Neopositivismo históricos para reconstituir e generalizar a suposta conduta dos cientistas naturais. Entretanto, a idéia de que a Ciência deva conduzir a resultados objetivos no sentido antes especificado (ou melhor, deva ser reconhecida por eles) é bastante anterior ao Positivismo. Em grande medida, a inteira história da Filosofia e a Ciência ocidentais pode ser entendida como a renovada tentativa de produzir e justificar um saber objetivo. Por outro lado, foi característico do Positivismo e do Neopositivismo supor que a objetividade científica se baseava, principalmente, na possibilidade de referir as afirmações a dados puros (vale dizer, isentos de interpretação), indicadores de fatos, entendidos como a presença incontestável do real aos sentidos humanos por contraposição às

---

(\*) Comunicação apresentada no III Encontro Nacional de Filosofia (ANPOF) – Gramado (RS), 5 a 8 de setembro de 1988.

meras conjecturas. A Ciência era vista assim, fundamentalmente, como tarefa de constatação, e a pureza do 'positum' permitia a coincidência dos diversos pesquisadores que reconheciam "o mesmo", que podiam ser "objetivos".

Ora, há tempo que os epistemólogos das mais diversas orientações têm mostrado que é ilusório conceber a Ciência como investigação que se serve de dados não interpretados. Apesar da enganosa etimologia, os dados são elaborados: correspondem a questões, hipóteses e teorias em função das quais são procurados. Os dados, por conseguinte, resultam de uma interpretação (ou melhor: são uma certa interpretação), cujo mérito consiste em não ser arbitrária, senão justificada dentro do âmbito de consenso em que tem sentido uma dada pesquisa.<sup>2</sup>

É provável que muitos cientistas continuem a acreditar que trabalham com dados interpretados; em tal caso, merecem certamente a crítica de serem "positivistas". Sem embargo, é curioso que sejam assim considerados, pesquisadores e teóricos que reconhecem a inevitável interpretação dos dados, mas que defendem apesar disso a objetividade do conhecimento científico, definida pela não arbitrariedade dos dados dentro de um determinado consenso.<sup>3</sup> Os críticos parecem presumir, a partir da defesa da objetividade, a crença em dados puros, e se sentem autorizados a falar de "Positivismo". E como a crença em dados puros encontra-se desacreditada, os críticos parecem deduzir que se encontra igualmente desacreditada a própria noção de objetividade científica. Desse modo, "Positivismo" acaba significando a aparentemente injustificada confiança na objetividade científica.

As críticas a que estou me referindo são as provenientes, geralmente, do Marxismo, que combate, por ilusória e ideológica, a idéia de uma Ciência (particularmente, social) objetiva (no sentido, insisto, de uma Ciência cujos resultados fossem válidos independentemente de idiosincrasias individuais ou grupais): sendo os dados sempre interpretados, há de se preferir aquela interpretação que corresponde aos interesses da classe revolucionária.

De acordo com as considerações anteriores, é inadequado denominar "positivistas" aos partidários da objetividade científica.<sup>4</sup> Todavia, mais delicada que a questão da denominação é a rejeição da idéia de objetividade que parece acompanhar e motivar a censura de "positivismo", pois se não estou enganado, o espírito da crítica parece consistir na convicção da superioridade da verdade-para-nós sobre a verdade-para-todos. Mas essa convicção contradiz toda a marcha histórica da Ciência, posto que todos os recursos, tanto intelectuais quanto materiais, desenvolvidos para demonstrar a validade das idéias científicas, sempre tiveram o sentido de permitir passar da verdade-para-mim ou da verdade-para-nós, à verdade-para-todos. Como poderia ser de outra maneira, se já ao nível do pen-

samento vulgar duvidamos das percepções que parecem apenas nossas, nos esforçamos por convencer aos demais do que (nós) achamos ser verdadeiro e confiamos no que todos parecem perceber, sentir ou pensar do mesmo modo? A questão da verdade é sempre a questão da verdade.

Por outra parte, penso que os críticos reconhecem implicitamente a validade da noção de objetividade científica, porque convertem a consciência de classe (proletária) em condição para aquele consenso dentro do qual uma certa interpretação dos dados impõe-se aos pesquisadores como a correta (vale dizer, como objetiva). A verdade-para-nós encerra a pretensão de ser verdade-para-todos.

\*

Se a denominação “Positivismo” é incorreta, e se a noção de objetividade científica não pode ser eliminada, como entender a atitude dos críticos? Por que não evitam uma denominação equivocada e apresentam seus questionamentos ao que chamam “Positivismo” mais bem como contribuições para — digamos assim — aprimorar a objetividade científica (dado que é possível que a concepção “positivista”, pela sua confiança no modelo científico-natural, seja em certa medida insensível a peculiaridades da investigação dos fenômenos humanos)? Sugiro duas razões para a atitude dos críticos.

Desde o ponto de vista teórico, acredito que sua posição não representa, precisamente, um aprimoramento da objetividade científica, senão mais bem um retrocesso: negam (ao menos, explicitamente) a objetividade que suas idéias não parecem merecer. Mas existe um outro ângulo de análise da atitude dos críticos: o ideológico. Denominar “positivistas” a pesquisadores e teóricos que não o são, pode ser uma estratégia para desqualificar posições adversas à própria. Atribuindo a um defensor da objetividade a crença — hoje abandonada — em dados puros, mostrar-se-ia como insustentável a defesa da objetividade, tornando-se plausível a noção de que a Ciência deva ser comprometida.

É verossímil a suspeita de tal estratégia? Acredito que sim. Os teóricos acusados de “Positivismo” são geralmente partidários da sociedade liberal.<sup>5</sup> Em virtude da associação liberalismo-capitalismo tornam-se inimigos naturais do marxista que, fazendo do Positivismo a ideologia oficial do capitalismo, encontra fácil oportunidade para considerá-los “positivistas”.<sup>6</sup>

\*

É provável que alguém considere as reflexões anteriores como supérfluas (não pretendo ser o único nem o primeiro a dar-me conta de tais associações) ou de importância apenas erudita. Eu penso, pelo contrário, que se está dando pouca atenção às confusões antes mencionadas, e que se faz um uso indevido e perigosamente pacífico do rótulo de “positivista”, mediante o qual está se estendendo uma desconfiança cada vez maior com relação à possibilidade de que a Ciência (particularmente, a social, como já foi dito) seja objetiva. Ora, dessa maneira — se o percebe ou não — está se transformando a discussão entre diversas visões pretensamente científicas da realidade (discussão cujo sentido deveria ser o de discernir a **verdade** que lhes pode ser reconhecida), em conflito entre posições ideológicas, em que há de se impor a mais hábil ou a mais conveniente, ainda que não a mais verdadeira.

\*

Não ignoro que, como parte da atual crise geral da cultura, está se manifestando certo cepticismo com relação ao valor da noção de verdade na Ciência (basta Feyerabend como exemplo), e tampouco ignoro que a posição marxista não inclui necessariamente a prescindência daquela noção e a redução a propaganda política.<sup>1</sup> Ocorre que, no debate a propósito do “Positivismo”, parece-me que, ao mesmo tempo, se mantém expressamente em jogo a questão da verdade (onde, volto a dizer, a verdade-para-nós é anteposta à verdade-para-todos) e se nega implicitamente a importância da mesma questão.

É difícil encontrar hoje alguém que se considere discípulo ou continuador dos positivistas e neopositivistas. Debater o Positivismo tem por isso, a meu ver, um interesse puramente histórico. O debate em torno do “Positivismo”, pelo contrário, equivale ao debate sobre a objetividade e — pelas razões antes expostas — sobre a confiança na verdade e no seu valor a propósito dos problemas atualmente vividos, principalmente os sociais. Evitar uma denominação impropria seria uma significativa contribuição para um tratamento rigoroso e uma discussão honesta de tais problemas.

## NOTAS

(1) Ocupi-me do assunto extensamente no meu livro **A crítica do Positivismo e o futuro da Filosofia** (Florianópolis; Ed. da U. F. S. C., 1985).

(2) Refiro-me ao “paradigma” ou melhor, à “matriz disciplinar” de Th. S. Kuhn, sem endossar todavia todas as suas conseqüências. Ver meu livro já citado.

(3) Entre os teóricos da Ciência tidos por “positivistas”, ver a admissão da interpretação dos fatos em C. G. Hempel (**Filosofia da Ciência Natural**; RJ: Zahar, 1974, pp.

24-25), K. R. Popper (**Conjecturas e Refutações**; Brasília: UNB, s/d, p. 76 ss) e M. Bunge (**La Investigación Científica**; Barcelona, Ariel, 1969, p. 742 ss).

(4) Embora talvez se deseje manter a denominação por outras razões, tais como a defesa da unidade metodológica da Ciência, ou a separação de conhecimento e valoração. Ver L. Kolakowski, **La Filosofía Positivista**. (Madrid: Cátedra, 1981) e N. Stockmann, **Anti positivist Theories of the Sciences** (Dordrecht: D. Reidel, 1983).

(5) A posição liberal de Popper é por demais conhecida. Além de **A Sociedade Aberta**, ver os cap. 17 e 19 de **Conjecturas e Refutações**. M. Bunge defende, não o Liberalismo individualista clássico, senão um "humanismo plenamente liberal" (ver **Ética y Ciencia**; Buenos Aires: Siglo Veinte, 1972, p. 86 ss.). As simpatias liberais de outro "positivista" como E. Nagel transparecem ao final do conhecido artigo "Ciência: Natureza e Objetivo" (in: S. Morgenbesser, **Filosofia da Ciência**; SP: Cultrix, 1974).

(6) Uma reflexão análoga caberia — parece-me — com relação à Hermenêutica de base fenomenológico-existencial quando questiona (pense-se em H. G. Gadamer) a utilização de métodos e até a contraposição sujeito-objeto nas Ciências Humanas, em nome da importância da sensibilidade e formação do intérprete e da voz da tradição. Aqui corre-se evidentemente o perigo de consagrar, 'nolis velis', a verdade-para-mim por sobre a verdade-para-todos... em nome da verdade. Embora não usem a expressão "Positivismo", os partidários da Hermenêutica definem constantemente sua posição em contra de certa imagem da Ciência que coincide com a criticada pelos marxistas, e parecem supor também que a objetividade "positivista" se reduza à objetividade positivista sensu stricto. Tenho sugerido alhures a suspeita de que a Hermenêutica corresponda a posições sociais conservadoras, para as quais o Liberalismo seja um perigo, embora menor que o Marxismo ("Sobre la cuestión de la objetividad en las Ciencias Humanas", comunicação ao Congresso Internacional Extraordinário de Filosofia de Córdoba, 1987; ver também meu artigo "A Hermenêutica ante o Positvismo", in: **Manuscrito**, IX (1), 86).

(7) Ver a posição de A. Schaff em **História e Verdade** (SP: Martins Fontes, 1983). Parece todavia tão própria do Marxismo a crítica da objetividade que um autor que a defende convincente e quase exaustivamente (F. Cunningham, **Objectivity in Social Sciences**; Toronto: Toronto Univ. Press, 1973) acaba suscitando dúvidas sobre a posição marxista que declara.